

# O Condado, a Terra-Média e o Mar – A nostalgia de Tolkien.

Diego Klautau

Mestre em Ciências da Religião - PUC/SP

[dklautau@yahoo.com.br](mailto:dklautau@yahoo.com.br)

Resumo: O livro *O Senhor dos Anéis*, do escritor inglês J.R.R. Tolkien apresenta em sua formulação uma crítica de matriz agostiniana do processo histórico da modernidade, consonante com a crítica do magistério católico a formulação ideológica do modernismo. Assim, O Condado, a Terra-Média e o Mar expressam a realidade do estado-nação, do capitalismo e da ciência moderna que configuram a modernidade, que a partir dos conceitos de concupiscência de Santo Agostinho, isto é, orgulho, prazer e curiosidade vã, fundamentam o processo histórico como oposição aos valores de uma Cristandade medieval, referência literária de Tolkien. A narrativa tolkieniana apresenta a configuração dessas três bases no processo da arte literária, da criação de mundos secundários, ou subcriação segundo Tolkien, em que o artista reflete em sua obra as bases da criação realizada pelo Deus cristão. Numa perspectiva histórica, segundo Jacques Le Goff e Marc Bloch, e filosófica, a partir de Santo Agostinho, a literatura adquire a espessura de tratado sobre virtudes da criatura como dom e resposta ao Criador, que sustenta e mantém a criação, inspirando a criatura humana, integrante dessa criação, a também ser criadora, ou especificamente subcriadora.

Palavras-Chave: Literatura, Modernidade, Agostinho.

Abstract: The book *Lord of Rings*, by english writer J.R.R. Tolkien presents in its formularization the augustinan critic of the historical process of modernity, in the line of the critics of catholic Magisterium of ideological formularization of the modernism. Thus, the Shire, Middle Earth and the Sea express the reality of the state-nation, the capitalism and the modern science that configure the modernity, that from the concepts of concupiscence of Saint Augustin, that is, pride, pleasure and vain curiosity, pillars of the historical process as opposition to the values of a medieval Christianity, literary reference of Tolkien. The tolkieniana narrative presents the configuration of these three pillars in the process of the literary art, of the creation of secondary worlds, or subcreation according to Tolkien, where the artist reflects in its workmanship the bases of the creation carried through for the Christian God. In a historical perspective, according to Jacques Le Goff and Marc Bloch, and philosophical, from Saint Augustin, literature acquires the thickness of treat on virtues to the creature as dom and reply to the Creator, who supports and keeps the creation, inhaling the creature human being, integrant of this creation, also to be creative, or specifically subcreative.

Key-words: Literature, Modernity, Augustin

## 1) Tolkien e a História

Neste artigo tratamos da presença de uma crítica à modernidade em *O Senhor dos Anéis*. A partir das idéias de Agostinho, Tolkien cria um mundo que é percebido tanto em sua ordem de desenvolvimento natural quanto na regulação de virtudes nas relações entre os seres racionais como um mundo criado por Deus, e com valores claros transmitidos por gerações, revelados através da tradição por esse mesmo Deus.

Esse conjunto de virtudes, concepção do homem, e seres racionais, da natureza e das esferas políticas e institucionais é baseado na filosofia de Agostinho. Porém, ao escrever *O Senhor dos Anéis* em um contexto de século XX, entre as duas grandes guerras e todo desenvolvimento histórico que percebia, devidamente inserido em seu tempo, Tolkien formula uma crítica a esse momento histórico.

Mais profundamente, sua crítica ecoa uma compreensão do mundo do início do final do século XIX e início do século XX da Igreja Católica, na qual Tolkien professava sua fé. Essa compreensão católica era entendida como crítica ao chamado modernismo, e uma análise de *O Senhor dos Anéis* revela que essa mesma crítica está presente no livro.

Em uma apreciação do contexto biográfico de John Ronald Reuel Tolkien, analisamos sua obra como integrante e mesmo crítica da chamada modernidade. Para tal, ao conceituarmos modernidade como fenômeno histórico e filosófico, e sua diferença com o modernismo, é necessário entender de onde parte a integração da obra, e de sua crítica, nesta mesma modernidade.

Apresentamos também os fundamentos de crença oficiais da Igreja Católica Romana, especificamente o que se entende por verdade, através dos documentos de seu Magistério<sup>1</sup>, do fim do século XIX e início do século XX. Tolkien, cuja personalidade religiosa marcou seus trabalhos, suas cartas e sua atividade acadêmica, afirma que *O Senhor dos Anéis* é uma obra profundamente religiosa e católica. Para entendermos o que isso significa buscamos entender as posições oficiais da Igreja Católica na época de formação e criação de Tolkien.

---

<sup>1</sup> Pronunciamento, escritos e resoluções dos Papas pela cátedra de São Pedro e dos conselhos episcopais em relação a interpretação da Sagrada Escritura. Juntamente com a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura, são fontes de formulação teológica e definidoras do que é a Verdade para a Igreja Romana. Ver Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum*.

Por fim, discutimos a Terra-Média enquanto crítica à modernidade. A crítica de presente em *O Senhor dos Anéis* pode ser compreendida como crítica da modernidade enquanto processo histórico. Ao analisarmos a divisão proposta por Curry (1997) e refletirmos sobre a fundamentação agostiniana de Tolkien, ao mesmo tempo analisarmos ao pensamento católico de seu tempo sobre os processos históricos em andamento, percebemos a pertinência, a profundidade e a mitopoética da percepção do Mal na modernidade em *O Senhor dos Anéis*.

## 2) O Condado, a Terra-Média e o Mar

A modernidade, entendida como o processo histórico da constituição da realidade a partir do humanismo, em detrimento do teocentrismo medieval, e daí da percepção das relações humanas mediadas pelo Estado-Nação, pelo capitalismo e pela ciência moderna é criticada nas obras de Tolkien. Essa crítica percorre a vida do autor desde seu nascimento à sua morte, e através das suas reflexões, de sua biografia e de suas cartas, que demonstram clara aversão à modernidade. Numa nostalgia pela Cristandade Medieval, numa referência especial ao texto de *Beowulf*, cuja análise de Tolkien é um marco, Tolkien seguia os ensinamentos de sua Igreja Católica, que na época era fortemente contrária às ditas doutrinas modernistas<sup>2</sup>.

E visto que os modernistas (tal é o nome com que vulgarmente e com razão são chamados) com astuciosíssimo engano costumam apresentar suas doutrinas não coordenadas e juntas como um todo, mas dispersas e como separadas umas das outras, afim de serem tidos por duvidosos e incertos, ao passo que de fato estão firmes e constantes, convém, Veneráveis Irmãos, primeiro exibirmos aqui as mesmas doutrinas em um só quadro, e mostrar-lhes o nexo com que formam entre si um só corpo, para depois indagarmos as causas dos erros e prescrevermos os remédios para debelar-lhes os efeitos perniciosos. (PIO X, 2002, p.109-110)

Essa afirmação do Papa Pio X considerado santo, exprime a formação que Tolkien recebeu em toda sua adolescência. Em 1907, data da publicação da encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, de onde vem este trecho, que condenava o modernismo, a ideologia que

expressou a primeira formulação da modernidade enquanto expressão de idéias e sistemas, Tolkien era um estudante de quinze anos, e seu tutor era um padre católico na Inglaterra.

Assim, temas de contexto histórico se desenvolvem a partir do entendimento da vida e da obra de J.R.R. Tolkien. A síntese de todas as heresias, o modernismo, principalmente nas polêmicas relações entre razão e fé e entre Estado e Igreja, era para a Igreja Católica mais que um sistema de pensamento, era o desvio da verdadeira fé, que a Igreja deveria evitar e combater, para que o próprio Reino de Deus tivesse existência no mundo. Ao mesmo tempo, a modernidade como processo histórico, se assomava nas suas vertentes da ciência moderna, do capitalismo e do estado-nação, consolidando-se nos projetos fascistas, nazistas e totalitários comunistas no decorrer do século XX.

Para Le Goff (2003) a grande crise detectada pela Igreja Católica do século XIX é que, na modernidade, aumenta-se o campo do cognoscível como fundamentação da verdade, diminuindo a autoridade do crível. A razão e a razoabilidade das afirmações torna-se mais importante que a tradição e a autoridade. Daí a grande contradição entre a Igreja Católica e a modernidade, e sua identificação e crítica ao modernismo.

Entre essas concepções, o filólogo J.R.R. Tolkien publica sua obra literária, de caráter editorial para além dos muros das universidades, e encontra um sucesso que poucos conseguem explicar. Mesmo em âmbito literário, muitos criticam *O Senhor dos Anéis* como fora de propósito e como um livro romântico. Porém, o debate que existe em Tolkien reflete a apropriação mítica que as propagandas totalitárias acusavam em suas próprias publicações e concepções.

Para entendermos a profundidade da tensão e do conflito entre o moderno e a obra de Tolkien, é necessário entender como a própria literatura, expressão da mentalidade de um contexto histórico, se apresenta dentro desse contexto. Ao assimilar conteúdos do moderno, a literatura do modernismo entrava em consonância com a modernidade. Tolkien, apesar de estar inserido no modernismo, e escrever estilisticamente como tal, apresentou em seu legendário uma outra postura em relação à modernidade.

Assim, a própria literatura revela a relação entre o modernismo de cunho ideológico, o modernismo literário e a modernidade como processo histórico que altera as

---

<sup>2</sup> Neste momento, anterior ao Concílio Vaticano II (1962-1965), que atualizou sua ação, a Igreja Católica ainda se opunha fortemente ao chamado modernismo, com encíclicas condenando as bases nas quais essa realidade se constituía.

estruturas econômicas, sociais, culturais e das mentalidades. Para Lê Goff (2003) a certidão de nascimento do conceito de modernidade, primeira vez que a expressão é utilizada, é um artigo de 1863 de Baudelaire, no qual se defende a justificação o valor do presente pelo próprio presente, sem nada além do fato se ser presente. O objetivo é encontrar o poético no histórico, o eterno no transitório. A modernidade está ligada à moda, ao esnobismo.

Nessa análise dentre modernismo e modernidade, alguns aspectos destacam-se. O conceito de modernidade altera-se. De uma perspectiva literária e artística, o processo histórico se impõe nas estruturas sociais. Em primeiro lugar o imperialismo inglês do século XIX, resultado da afirmação do conceito de pátria como povo, língua e território, do qual Tolkien, nascido na África do Sul colônia inglesa de exploração de minas de ouro e diamante, em família de funcionário de bancos ingleses, é filho direto. Depois as tensões do capitalismo industrial entre as nações, que levaram a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1917), em que Tolkien serviu como soldado e viu grandes amigos morrerem.

Também as discussões da ciência moderna, com as reflexões da crise do sistema de pensamento oriundo desde o século XVII, de base racionalista, empirista-tecnicista e mecânico, ocorrida em fins do século XIX, quando o paradigma do universo como uma grande máquina que segue leis fundamentais, como princípio da realidade, começa a ser questionado. E por fim a ideologia nazista como ilustração das teorias racistas e totalitárias que permearam todo fim do século XIX e início do XX, e sua culminância na Segunda Grande Guerra (1939-1945).

Enfim, a modernidade, enquanto projeto, cuja matriz ideológica era o modernismo, era fortemente recusada na formação de Tolkien, mostrou-se em seu desenrolar no século XX como grande narrativas mentirosas. Ao menos em parte. E é justamente essa parte de falácia que Tolkien via. Uma realidade de guerras por ideologias nacionalistas e racistas, cobiça enlouquecida por expansão de máquinas destrutivas da natureza em nome da lógica do lucro, e o orgulho intelectual que contribuía para uma ciência que tratava o homem e a natureza como peças e engrenagens úteis, de uma grande máquina apta a ser controlada. Eis a modernidade que Tolkien observava na Europa no período entre as duas guerras.

Como já dito, não nos determos em uma análise sistemática de cada pensamento dos autores. Nos interessa somente enquanto documentos que expressam uma mentalidade

de época, que permita compreender as crenças e polêmicas existentes no tempo de Tolkien, que estão presentes em *O Senhor dos Anéis*, enquanto documento histórico.

Entendida a narrativa, é claro o universo pré-moderno que Tolkien propõe. Em *O Senhor dos Anéis*, a partir dos elementos de paganismo greco-romano, dos vestígios celtas, sejam bretões ou gauleses, do mundo germânico, seja anglo-saxão ou escandinavo, e da própria Cristandade Medieval, a narrativa nos coloca um tempo e um espaço familiares, porém de forma nostálgica, como um suspiro nebuloso e onírico do passado, em que o mal continua agindo, porém de forma mais objetiva, mesmo que também por meio de corrupções, traições e ambições.

Nesse sentido, é óbvia a relação literária e religiosa, de fundo agostiniano, que o autor estabelece com seu estudo sobre o poema do século VIII *Beowulf*. Considerado o documento fundador do vernáculo, ou língua local, das terras anglo-saxãs, para Tolkien, é clara a presença da cristianização sob perspectiva agostiniana, da mitologia germânica neste poema, numa exaltação das virtudes anglo-saxãs em consonância com os valores cristãos.

Essa proposta de virtudes em Tolkien revela uma clara rejeição ao que chamamos de modernidade. Em sua história, os parâmetros que fundam o mundo na época de Tolkien são rejeitados como sendo malévolos em si, apesar de em forma simbólica<sup>3</sup>. Porém, como homem de seu tempo, existe uma relação que funda sua crítica: o pensamento do Magistério da Igreja Católica de fins do século XIX e início do XX.

Em carta de 1963, durante o Concílio Vaticano II, onde a Igreja Católica reviu as grandes linhas do Vaticano I, tão importante para sua formulação crítica ao modernismo, Tolkien questionava a validade de um novo Concílio. Afirmando sua fé na Igreja Católica, com consonância com os documentos do Vaticano I, Tolkien exprimia toda sua convicção no Magistério. Sua fé na eucaristia pode ser compreendida como expressão tanto da relação entre fé e razão quanto na argumentação da Igreja e Estado. Neste trecho, Tolkien afirma sua pertença ao Sagrado Sacramento, fundamento tanto de sua fé individual quanto de sua compreensão social e política.

A condenação do modernismo por S. Pio X, e suas condenações contra qualquer afirmação que contestasse a realidade da Eucaristia, foram a base da educação, formação e

---

<sup>3</sup> Utilizamos o conceito de Paul Ricoeur de símbolo, como uma imagem que tem o poder de descobrir e revelar o laço entre o homem inteligível e o que ele considera o sagrado desconhecido. Um análise mais detalhada no capítulo IV. Ver RICOEUR, P. *The Symbolism of Evil*. (1967). Boston. BeaconPress.

catequese de Tolkien. Sua visão agostiniana, oriunda de seus estudos filológicos dos textos da Cristandade medieval, encontraram ecos na crítica de seu contexto histórico.

Esse pensamento anti-modernismo, como vimos, está posto em síntese em quatro pontos: o humanismo, a ciência moderna, o capitalismo e o Estado-Nação. Para a melhor compreensão de como essa realidade se reflete em *O Senhor dos Anéis*, seguimos o estudo de Curry (1997), que segue uma análise detalhada das três esferas que compõe o universo literário de Tolkien, para indicar que cada uma delas expressa uma crítica a um fundamento moderno, mesmo na perspectiva agostiniana.

Nessa realidade literária pré-moderna compreendemos a formação de um mundo que não obedece aos parâmetros modernos. As relações entre nós, com a natureza e com o espírito são completamente diferentes dos que regem a modernidade. Este sentido será expresso nesta pesquisa como três campos específicos, a partir das definições do filósofo Patrick Curry, que analisa *O Senhor dos Anéis* em sua relação crítica com a modernidade.

Para Curry (1997), existe em *O Senhor dos Anéis* três mundos em um, que são justamente os campos da Cultura, Sociedade e Política; da Natureza e Ecologia; e finalmente da Espiritualidade e Ética. Estes três campos são analisados em *O Senhor dos Anéis*, demonstrando seus contrastes diante da crítica à modernidade.

Na realidade, percebemos esses círculos de compreensão, com o Condado, pequena área onde os hobbits viviam, sendo a expressão do social; a Terra-Média, o continente com suas paisagens e natureza ora perigosa e ora pacífica e sempre impressionante, sendo a expressão da natureza e os recursos naturais; e por fim o Mar, como expressão do espiritual, como o lugar idílico através do qual onde se encontra a benção da eternidade.

Nestes três domínios, ou campos, a crítica à modernidade está posta de forma contundente. A relação de texto e contexto se realiza ao perceber como *O Senhor dos Anéis* trata das questões sociais, naturais e espirituais radicalmente diversa, inclusive com crítica expressivas, da modernidade. O humanismo, entendido como o antropocentrismo, ou o império humano de Francis Bacon, o humanismo ridículo de Pondé (2003) ou o anti-humanismo de Le Goff (2003), como pressuposto de todos os três pontos, se coloca permeado, ao estabelecer o homem como medida de todas as coisas.

Tais campos, entendidos como críticas ao estado-nação, capitalismo e ciência moderna, estão interdependentes, e embora metodologicamente separados, somente são

existentes em uma perspectiva inter-relacional, nos diversos âmbitos, sejam econômico-sociais, político-culturais e religiosos. A religião católica é o ponto de partida para essa crítica, e essa religião de fins do século XIX e início do XX.

Em *De Vera Religione* (389), Agostinho apresenta as três concupiscências como as repercussões e as consequências do pecado original. Tolkien, em sua fundamentação agostiniana, é coerente com essa visão, e fundamenta sua crítica ao mundo moderno como baseado nessas concupiscências.

As concupiscências se radicam ainda mais na tradição cristã, quando se referem às tentações que Jesus Cristo sofreu no deserto (Mt 4. 1-11). Agostinho, ao refletir sobre o assunto, fornece material para o próprio Tolkien repercutir em sua obra, e Curry (1997) identificar as concupiscências como a base crítica de Tolkien sobre a modernidade em *O Senhor dos Anéis*. Toda essa fundamentação das virtudes como forma, através da Graça, de superação das concupiscências, está posta em Tolkien.

Ao associar a discussão entre ética e metafísica, e entre virtude individual e organização da Cidade de Deus, Agostinho apresenta a Tolkien o exemplo da fé e razão, e entre Igreja e Estado, justamente as grandes crises apresentadas no modernismo, denunciado pelo Magistério Católico no século XIX.

O capitalismo, radicado na volúpia do gozo dos bens temporâneos através do consumo, tem como base a concupiscência da carne, da sensualidade, do prazer; é a transformação das pedras em pães pela fome desregrada.

A ciência moderna, com seu empirismo sensualista, com o ontologismo e o racionalismo, base da ciência baconiana e galilaica, se radicam na concupiscência dos olhos, a curiosidade vã; é a tentação de se jogar do Templo e ordenar que os anjos o carreguem, para demonstrar domínio sobre a natureza e realizar prodígios.

E por fim, o estado-nação como expressão do orgulho, em poder imprimir leis, normas e impor sua vontade não apenas ao seu povo, mas a todos aqueles que resistirem aos seus comandos; é se prostrar adorar Satanás em troca do mundo inteiro.

Na divisão de *O Senhor dos Anéis* que adotamos, a concepção de Tolkien sobre essas três concupiscências, tentações, e características do modernidade são expressas na tríade Condado, Terra-Média e o Mar.

No primeiro campo, *O Condado*, o contraste entre os povos livres da Terra-Média, sempre sob a percepção dos hobbits, por isso *O Condado*, e o reino de Mordor, onde o tirano Sauron controla seus exércitos conquistadores. O entendimento deste contraste possibilita como Tolkien compreende o poder, sua função e origem, além dos estragos que os desvios do poder podem causar.

Aqui percebemos claramente a relação que Tolkien propõe como organização social. Expresso claramente nos fundamentos da comunidade, o fenômeno da organização social, das instituições políticas e os fundamentos culturais de cada povo livre sempre em contraste com Mordor. A relação de crítica à modernidade se coloca nesta tensão. Mordor é imperialista, com eficiência centralizada do totalitarismo, que se impõe pela dominação e pela opressão de todos os que se opõe ao seu projeto.

A crítica aos abusos do estado-nação nas suas versões totalitárias, fenômeno que Tolkien viu tanto no imperialismo inglês colonial do século XIX quanto nos regimes ditatoriais leninistas-stalinistas da Leste, nazistas e fascistas capitalistas do Oeste, do século XX, estão colocadas profundamente em *O Senhor dos Anéis*.

Com a transformação da natureza pelo trabalho do homem, principalmente na crítica ao capitalismo industrial e bélico da Era dos Impérios, expresso no caso pelos personagens e nações imperialistas e destrutivas da Terra-Média, podemos gerar a crítica ao capitalismo predatório e selvagem, e a visão da natureza como algo a ser usado de forma descartável, apenas como meio e objeto para atingir a dominação e o poder totalitário. O consumo desregrado, a manipulação das realidades da natureza em nome do orgulho e da conquista expressa a própria separação entre homem e natureza, que é o ponto fundamental de Tolkien em sua crítica ao capitalismo.

Essa pretensão moderna do homem estar sempre separado de seu objeto, e a assim poder racionalizá-lo, pressupõe a extrema cisão do homem e seu ambiente. A auto-fundação racional, e sua auto-suficiência do conhecimento em si como capaz de levar o homem em direção à felicidade são marcas de um individualismo que pressupõe o homem como capaz de elevar-se acima da natureza por si mesmo.

A filosofia utilitarista engendrada pelo capitalismo reforça essa separação, pois tudo se torna produto a ser comercializado e consumido. A nostalgia pré-moderna de Tolkien recusa isso. A relação de cada povo livre com a natureza é de partilha e respeito.

Existe um equilíbrio entre os recursos naturais e a organização do trabalho. Para além, os acontecimentos no domínio do mago corrompido Saruman, Isengard, expõem toda a crítica de Tolkien ao industrialismo, principalmente na ambição da geração de armas e exército.

A relação entre a indústria de armas, a opressão e a destruição da natureza, e a escravização de povos ditos atrasados era motivo de extremo repúdio. O mundo de Saruman é emblemático. Ao criar uma nova raça, Saruman transformava a natureza em uma engrenagem, e não mais respeitava os ditames que estavam presentes no mundo. Ao transformar um jardim de árvores centenárias numa grande fábrica de armas e máquinas, Saruman simplesmente destruía tudo o que era de harmonia no mundo.

Extremamente desconfiado dos avanços tecnológicos movidos pelo capitalismo industrial atrelado ao desenvolvimento político da Era dos impérios, Tolkien enxergava o maquinário como um prolongamento da Queda humana. Além de não satisfazer aos anseios pelos quais foram criados, o maquinário apenas produzia mais uma tentação ao mal, como a opressão e a exploração da natureza e dos homens.

E por fim, o terceiro campo é o Mar. Em *O Senhor dos Anéis*, o mar é a passagem, crescimento, mistério, ancestralidade, origem e divindade. Uma discussão ética e uma espiritualidade estão presentes durante toda a obra.

Em contraposição a uma percepção utilitária e mecânica de Sauron, cada personagem de *O Senhor dos Anéis* possui conflitos de valores, decisões entre o dever e chamado, entre obrigação e paixão, entre honra e glória, entre humildade e serviço. O reencantamento do mundo, ou sua ressacralização, enfim a unidade entre saber e ser, é a principal crítica de Tolkien ao racionalismo da ciência moderna.

Ao escrever sobre um mundo pré-moderno, em que a ética cristã de humildade e compaixão está associada à reverência da natureza, juntamente com a busca de um saber que transcenda à lógica do utilitarismo, Tolkien está praticando a sub-criação literária, anunciando que é necessário rever nossas prioridades do mundo moderno. O desejo de comunhão entre homem, comunidade, natureza e Deus está posto na recusa da satisfação explícita nos erros modernos.

Essa ética cristã, expressa através das atitudes e valores de *O Senhor dos Anéis*, e também na condenação expressa que Tolkien fazia, endossado por sua realidade do século XIX e início do XX, da Era dos Impérios e da posição do Magistério católico, da

ambição humana pelo controle técnico do mundo e da natureza, sua apartação da comunidade pela opressão e pela busca de suprir os desejos de eternidade por objetos temporais.

Para Tolkien, isso era o grande desvio do saber. E ele mesmo erigiu sua ‘muralha confessional fortificada’ da Igreja Romana. Sua crítica em *O Senhor dos Anéis*, através da sub-criação da literatura, formulava um retorno ao verdadeiro saber, à verdadeira ciência. Não um racionalismo que pressupunha uma autonomia da razão enquanto atributo do homem, centro do universo.

Nem mesmo uma pesquisa diante da natureza mecânica das leis de funcionamento, como uma máquina a ser desvendada para fins utilitarista e empíricos, a serviço da ganância da proliferação do capital e do poder de um Estado cada vez mais desumano.

A busca tolkieniana era de um retorno a uma harmonia perdida. A uma ciência que fosse antes de tudo uma contemplação, um encantamento. Esse conhecimento perdido por entre as leis racionais da máquina e seus usos, é resgatado pelo ‘ofício élfico’ do encantamento através da Faerie, da criação do Mundo Secundário através da literatura. Esse Mundo Secundário obedece à verdade, eterna e imutável, da própria criação, amada intensamente por seu Criador, e assim, por natureza boa, bela e verdadeira. Essa ciência que promovesse a comunhão com o humano, com a comunidade, com natureza e com Deus.

Assim, na perspectiva da duração, da permanência de uma mentalidade na longa duração, no caso cristã, e uma vez entendido que a ética e o pensamento de *O Senhor dos Anéis* estão para além da modernidade como a entendemos, procuramos detectar na história qual a base cristã para a ética, pensamento e espiritualidade no documento estudado. A proposta está no estudo que Tolkien realiza do poema anglo-saxão *Beowulf*, que expressa uma síntese entre pensamento cristão, de caráter agostiniano e mitologia escandinava.

Dessa forma, a partir do antropocentrismo humanista, do Estado-nação, capitalismo e racionalismo da ciência moderna, enfim as consolidações da modernidade que Tolkien tece sua crítica em *O Senhor dos Anéis*. Sem escapismo, ilusão ou preso ao passado, *O Senhor dos Anéis* expressa a necessidade de infinito que a humanidade tem, e por isso mesmo se recusa a acreditar na dita realidade, uma construção histórica, que, por não ter sido sempre assim, abre a possibilidade para que um dia não mais seja.

### 3) Bibliografia

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus – Parte I*. (1991). Petrópolis. Vozes.

\_\_\_\_\_. *A Cidade de Deus – Parte II*. (2006). Bragança Paulista. Editora  
Universitária São Francisco.

\_\_\_\_\_. *A Verdadeira Religião*. (2002). São Paulo. Paulus.

\_\_\_\_\_. *O Livre-Arbítrio*. (1986). Braga. Editora da Faculdade de  
Filosofia.

BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia. A Idade da Fábula*. (1999). Rio de  
Janeiro. Ediouro.

CARPENTER, Humpfrey (org). (1981). *The letters of J.R.R. Tolkien*. London.  
HarperCollins.

\_\_\_\_\_. *As Cartas de J.R.R. Tolkien*. (2006). Arte e Letra. Curitiba.

CURRY, Patrick. *Defending Middle-Earth – Tolkien: Myth and Modernity*. (1997)  
London. HarperCollinsPublishers.

DAY, David. *Guide to Tolkien*. (2001). London. Chancellor Press.

\_\_\_\_\_. *O Mundo de Tolkien – Fontes Mitológicas de O Senhor dos Anéis*. (2004).  
São Paulo. Arxjovem.

DESCARTES. René. *Discurso do Método*. (2000). São Paulo. Editora Nova Cultural.

GALVÃO, Ary Gonzales. *Beowulf*. (1992). São Paulo. Hucitec.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. (1998). São Paulo. Paulinas.

LE GOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*. (2007). Petrópolis. Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. *Em Busca da Idade Média*. (2005). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. (2006). Campinas. Editora da Unicamp.

\_\_\_\_\_. *O Deus da Idade Média*. (2007). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

PIO IX, papa. *Documentos de Gregório XVI e de Pio IX*. (1999). São Paulo. Paulus.

PIO X, papa. *Documentos de Pio X e de Bento XV*. (2002). São Paulo. Paulus.

PONDÊ, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia – A filosofia da religião em Dostoiévsk*. (2003). São Paulo. Editora 34.

\_\_\_\_\_. *Em Busca de uma Cultura Epistemológica*. (2001). In: TEIXEIRA, Faustino (org). *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*. (2001). São Paulo. Paulinas.

TOKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis*. (2001). São Paulo Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. *Sobre Histórias de Fadas*. (2006). São Paulo. Conrad.

\_\_\_\_\_. *O Hobbit*. (2003). São Paulo. Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. *The Lord of The Rings*. (2005) London. HarperCollinsPublishers.

\_\_\_\_\_. *The Monsters and the critics and the other essays*.(1997). London.  
HarperCollinsPublishers.